

AS BENZEDEIRAS DO OESTE GOIANO: RESGATANDO UMA HISTÓRIA

SUZANA RODRIGUES FLORESTA¹

RESUMO: A proposta desta pesquisa é analisar as narrativas coletadas junto às benzedeadas da região do Oeste Goiano a fim de se compor e caracterizar seu universo e dar voz a um sujeito histórico pouco estudado. Com a evolução da ciência e da medicina, práticas religiosas ou de cunho sobrenatural foram pouco a pouco caindo na obscuridade ou muitas vezes passaram a ser vistas com ceticismo ou de forma estigmatizada. Então, o que faz com que essa prática sobreviva? Como as mulheres detentoras desses saberes se enxergam? O que leva essas pessoas a oferecerem outras formas para solucionar doenças? Qual é o papel que essas pessoas têm junto à comunidade? Do ponto de vista metodológico, pretende-se trabalhar com a História Oral, realizando uma série de entrevistas com as benzedeadas da região do Oeste Goiano, tendo como principal foco de análise suas práticas, noções de cura, ervas medicinais utilizadas e sua relação com a religião. Do ponto de vista da fundamentação teórica optamos por balizar a discussão a partir de Farinha (2014), Oliveira (1985) e Silva (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Benzedeadas, Oeste Goiano

THE QUACKS OF GOIANO WEST: RESCUING A STORY

ABSTRACT: The purpose of this research is to analyze the narratives collected from the quacks of the Goiano West region in order to compose and characterize their universe and give voice to a historical subject understudied. With the evolution of science and medicine, religious or supernatural nature practices were gradually falling into obscurity or often came to be viewed with skepticism or stigmatizing way. So what makes this practice survive? As women holding such knowledge see themselves? What drives these people to offer other ways to solve diseases? What role do these people have in the community? From a methodological point of view, we intend to work with the Oral History, conducting a series of interviews with the healers of the Goiano West, with the main focus of analysis their practices, healing concepts, medicinal herbs used and its relationship to religion. From the point of view of theoretical foundation chose to guide the discussion from Flour (2014), Oliveira (1985) and Silva (2009).

KEYWORDS: quacks, West Goiano

INTRODUÇÃO

¹ Professora efetiva do curso de História da UEG- Campus- Iporá
Mestre em História Cultural pela PUC- GO

Em pleno século XXI envolvidos por uma gama tecnológica que se transforma e avança constantemente, algumas práticas culturais são muitas vezes percebidas como atividades antiquadas, fora de moda, sem graça. Festas folclóricas e religiosas se reinventam para se manter atuais e atrair a participação da geração mais jovem. Estamos perdendo cada vez mais rápido, elementos que caracterizavam nossas práticas sociais sejam elas de cunho religioso ou cultural. Em nosso mundo tecnológico e racional o misticismo e a magia têm se perdido no tempo. Resgatar este universo da cultura imaterial de nossa sociedade é preservar tradições e práticas que ajudaram a construir o que somos hoje. A sociedade atual e a futura têm direito a que seus valores sejam preservados.

Segundo o IPHAN, “os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares “ (IPHAN, 2016). Para a Unesco “ O Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes”(UNESCO, 2016). A pesquisa sobre as benzedeadas procura preservar dados, informações sobre estes sujeitos que fazem parte da nossa comunidade.

Ao entrevistar as benzedeadas da região de Iporá procuramos caracterizar suas práticas, noções de religiosidade e uso das plantas medicinais, informações de grande valia para a preservação destas tradições. O estudo sobre as benzedeadas leva a incorporação de um sujeito histórico pouco estudado. Este trabalho surge como derivado de um projeto de extensão da UEG que visa montar um acervo de entrevistas com as benzedeadas e benzedores para o laboratório de História do campus de Iporá da UEG. É necessário tanto para estudos na área de História local quanto em diversas áreas das ciências humanas. Esta coleta de entrevistas ainda está em andamento até o final do ano de 2016.

As benzedeadas como foco nesta pesquisa têm a expectativa da incorporação de um novo sujeito na reflexão quanto a aspectos como solidariedade e religiosidade, ângulos que são parte integrante do conjunto de vivências presente nas relações sociais da cidade de Iporá. Mostrar esse grupo específico como sujeitos ativos das próprias histórias é poder percorrer e refletir quanto às produções e reproduções dos conhecimentos das benzedeadas, e também trazer

à tona as demais esferas envolvidas em suas vidas. Garantindo assim o registro de suas atividades e práticas para as gerações futuras.

Com a evolução da ciência e da medicina, práticas religiosas ou de cunho sobrenatural foram pouco a pouco caindo na obscuridade ou mesmo muitas vezes passam a ser vistas com ceticismo ou de forma estigmatizada. Então, o que faz com que essa prática sobreviva? Como as mulheres detentoras desses saberes se enxergam? O que leva essas pessoas a oferecerem outras formas para solucionar doenças? Qual é o papel que essas pessoas têm junto à comunidade. Questões como esta demonstram a necessidade não de incentivar o uso de ervas ou benzeduras, mas registrar essa prática como forma de preservar o patrimônio cultural imaterial que a ação dessas mulheres envolve.

BENZEDEIRAS, RAIZEIROS, REZADEIRAS E CURANDEIROS

As práticas de benzeção realizadas por mulheres e homens da região do Oeste Goiano, com suas histórias pessoais, e as várias funções que desempenharam paralelamente aos benzimento que praticam são nosso objeto de estudo dentro da concepção de cultura imaterial. A reflexão quanto às experiências de vida destes homens e mulheres nos possibilitará uma compreensão do universo carregado de conhecimentos específicos, relações com entidades divinas e com as diferentes formas com que as benzedoras se posicionaram frente a problemas, colocando em suas próprias cenas históricas sentimentos como solidariedade e generosidade.

Do ponto de vista da fundamentação teórica optamos por balizar a discussão a partir de duas ideias de Farinha (2014). Primeiro, que as benzedoras que atuam no interior da Igreja Católica sentiram fortemente as transformações trazidas pelo movimento carismático, pois assistem a desqualificação de suas práticas, principalmente realizadas nos grandes encontros e “seminários de vida no espírito” em que combatem as práticas da benzedura através da demonização e ao mesmo tempo tentam assimilar o demonizado. Segundo, que a benzedora atual como meio de sobrevivência foge da estigmatização e passa a atuar de maneira clandestina, “renovadas” realizam orações para aqueles que a procuram, no entanto, os rituais da oração são os mesmos da benzedura apenas há uma mudança semântica como um meio de se adaptar a nova realidade (Cf. FARINHA, 2014, p.13).

Para Oliveira (1985), o ato de benzer permeia as nossas relações sociais repletas de conteúdos religiosos. Em seu sentido religioso, benzer significa “dar a benção”, uma ação benéfica que um ser humano pode transmitir ao outro. A prática de dar a benção ou tomar a benção é algo inerente a sociedade cristã. Aparecendo como uma tradição que pode ser comprovada em vários trechos da Bíblia.

Segundo Cláudia Santos Silva (2009) em seu artigo “Rezadeiras: guardiãs da memória” O benzimento é uma atividade antiga na sociedade brasileira e comumente, mas não exclusivamente, praticada por mulheres. Ademais, costuma ser associada à religião católica, especificamente ao catolicismo popular, e transmitida de geração a geração ou recebida como um “dom divino”. Seu caráter sagrado é evidenciado no gestual e/ou nas rezas das benzedadeiras que visam curar doenças, males específicos do corpo e do espírito (SILVA, 2009).

Essa influência da igreja católica pode ser comprovada pelo vocabulário, orações e gestuais utilizados pelos benzedores. O termo bênção, temos o derivado abençoar:

[...] O conceito de abençoar se pode ver nas ligações etimológicas entre o Heb. barak e a raiz ugarítica brk e a palavra acadiana karābu. Basicamente, bārak significa dotar com um poder benéfico. Este significado abrange tanto o processo de dotar como a condição de ser dotado. (Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento Sociedade Religiosa, 1981, p. 289)

A partir dessa definição, vemos que a palavra abençoar refere-se a uma ação benéfica que um indivíduo pode transmitir a outro, opondo-se ao ato de querer mal, ou seja, amaldiçoar. Esse é justamente o significado a ser explorado no presente trabalho, uma vez que a bênção transmitida pelo benzedor ou benzedeira está relacionada à cura e bem-estar daquele que recebe a bênção, e não à simples retórica de quem executa a ação.

Elda Rizo de Oliveira em sua obra *O que é benção?* referindo-se a imagem que se tem das benzedadeiras, ela escreve:

Geralmente é a de que seja uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde àquilo que é a benzedeira. Ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular (OLIVEIRA, 1985, p.25)

O princípio básico por trás da benzeção é a ideia de curar (mal físico ou espiritual) por meio de da palavra, da oração, no qual o (a) benzedor(a) é um(a) intermediário(a) entre Deus, ou deuses, e aquele que se submete à cura. Tal característica pode ser verificada em diferentes culturas.

No Dicionário do Folclore Brasileiro, organizado por Cascudo (2000), não encontramos os termos benzeção ou benzedor/benzedeira, mas sim, rezador. O autor equipara os termos rezador e benzedor, indicando a possibilidade de serem confundidos. Indivíduo com poder de proteger as pessoas contra as doenças e outros males pela reza. Usa água benta, galhinhos de certas plantas, acende velas enquanto vai rezando, às vezes com expressões ou versos incompreensíveis. Muitas vezes, o rezador é benzedor e curandeiro, recomendando o uso de beberagem, emplastos, purgantes e chás. (CASCUDO, 2000, p. 588)

Consideramos a benzeção uma expressão da cultura popular que envolve o desdobramento tanto de aspectos do catolicismo quanto da medicina popular. Compartilhamos da definição de Geertz (2008) para o qual a cultura deve ser compreendida como uma espécie de texto que, uma vez escrito por nós, revela algo a respeito de nossa cultura, dizendo quem somos. Nesse sentido, o conceito de cultura denota:

[...] um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (Geertz, 2008, p. 66.)

Geertz (2008) valoriza o diferencial detectável em cada sociedade a partir de seus rituais e crenças. Ele parte do pressuposto de que não há uma essência, uma natureza humana, mas sim, uma diversidade. Desta maneira, o trabalho de um antropólogo consiste em acessar as formas de manifestação da cultura, buscando uma descrição densa para se acessar o que está por trás da intencionalidade.

Nessa perspectiva, benzedores e benzedoras representavam não somente o poder médico, mas uma importante liderança religiosa nas regiões mais afastadas que ficavam meses

sem o convívio com os padres que eram os únicos que podiam administrar os sacramentos. Por fim, acredita-se que as benzeduras são representações autênticas do catolicismo popular, uma vez que refletem o arcabouço cultural de seus agentes que buscam na religião as causas e as curas para suas mazelas. Revelam ainda um universo repleto de seres e espíritos fantásticos que a ortodoxia católica não conseguiu expurgar de seu seio.

Mesmo que para Cascudo (2000) benzedor seja o mesmo que rezadeira, atualmente o conceito pode ser definido de forma diferenciada nesta região. Em várias entrevistas realizadas durante a pesquisa percebe-se uma coação tanto por parte das Igrejas Evangélicas como da Igreja Católica no sentido de desestimular a prática da benzeção. Em ambas as doutrinas a pratica tem sido vista de forma pejorativa e muitas vezes caracterizada como algo de origem demoníaca. Devido a este comportamento muitas benzedoras já não se autoproclamam como tal e passam a se definir como rezadeiras, ou quando muito ela podem fazer uma oração em sua intenção.. Elas dizem que não curam ou abençoam, mas simplesmente fazem uma oração ou uma reza, sem uso de plantas medicinais ou rituais específicos.

Nas rezas ou orações são utilizadas formas oficializadas da Igreja Católica, misturadas com palavras ou expressões de cunho popular. O que permite pensar sobre a diferença que Loyola (1984, p. 93-94) estabelece entre os agentes detentores desse saber. Para a autora, as rezadeiras se limitam a dar bênçãos e a rezar para curar as doenças; o curador, além de realizar rezas, consegue entrar em contato com forças superiores, faz uso de trajes especiais, de orações e de implementos religiosos.

O curandeirismo era uma prática muito conhecida desde o período colonial. Muitos sujeitos se diziam médicos itinerantes, barbeiros e curandeiros, ainda que exercendo função paralela de mascate pelos sertões brasileiros.

O curandeiro ou prática do curandeirismo mesmo que seja uma atividade que tenha origens antigas em nossa história, atualmente é considerada crime pelo Código Penal Brasileiro. Exercer o curandeirismo, prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância, usando gestos, palavras ou qualquer outro meio, fazendo diagnósticos, define pena de detenção de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos. Se ao ser autuado se comprovar que o curandeiro exerceu a atividade mediante remuneração também estará sujeito a multa.

O curandeirismo enfrenta uma oposição social muitas vezes maior que as benzedeadas e rezadeiras pois, em sua atividade normalmente ele dá diagnóstico de doenças, além de ministrar remédios (garrafadas e chás) e prometer sua cura.

A atividade do curandeirismo não procura normalmente tratar doenças de cunho místico ou espiritual (espinhela caída, vento virado, mau olhado...) mais sim doenças que são tratadas na medicina oficial. Sua prática causa uma preocupação constante na saúde pública. Muitas vezes as possíveis curas levam ao desenvolvimento de novos males ou ao agravamento dos antigos. Contudo não podemos confundir o curandeiro com o Xamã ou Pajé. Esta prática cultural indígena é protegida por uma legislação própria.

Outro conceito conhecido, vem se dissociando dos antigos termos ligadas as práticas místicas, o raizeiro. O raizeiro atualmente tem ganhado grande destaque pois sua atividade trata especificamente o comércio de plantas medicinais. Muitas vezes da flora local. A medicina ligada a práticas naturais, herbais é o centro de uma nova uma nova percepção de vida onde se busca uma opção de vida mais saudável, mais orgânica ou vegana. O raizeiro atual não manipula as plantas, só as vende.

A FORMAÇÃO E AS PRÁTICAS DAS BENZEDEIRAS: A REALIDADE DO OESTE GOIANO.

Nas entrevistas realizadas com mulheres e homens da região do Oeste Goiano ² normalmente os depoimentos tem pontos em comum. A maioria diz ter aprendido o ofício com parentes, em muitos casos mesmo na infância. Suas práticas de benzeção são interligadas com ritos e práticas da Igreja Católica. Se veem como instrumentos de Deus, como veículos do poder de Deus, muitos usam o termo canal. Nenhum se diz possuidor de poderes místicos ou sobrenaturais.

² As cidades do Oeste Goiano contempladas são: de Iporá, Diorama, Palestina, Jaupaci, Jacinópolis, Amorinópolis, Piranhas, Israelândia, Arenópolis, Caiapônia.

Isto é um ponto que todos têm em comum, durante as entrevistas todos se definem como católicos praticantes. Alguns fazem questão de mostrar seus altares familiares, onde se podem ver a imagem da Santíssima Trindade, Nossa Senhora, São José, entre outros. Uma das senhoras benzedoras mostrou um certificado de dizimista da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. A preocupação em atestar sua ligação com a Igreja é uma constante.

Suas práticas permeiam sinais e gestos dos ritos católicos, além de orações inteiras ou trechos mesclados com orações improvisadas. Todas utilizam plantas como complemento das bênçãos, normalmente Espada de São Jorge, Arruda e Erva de Santa Maria. Na maioria dos casos as benzedoras pedem um repouso, um resguardo de 24 horas quando a doença benzida é espinhela caída.

A média de idade das pessoas entrevistadas vai dos 70 aos 90 anos. Não encontramos até o momento nenhum benzedor ou benzedora mais jovem. Outro fator relevante é que em todos os locais não encontramos nenhuma pessoa da família ou vizinhança sendo preparado para assumir seu lugar. Ao contrário, a maioria dos entrevistados reclama que seus familiares muitas vezes se envergonham de suas atividades e muitas vezes até fazem pressão para que os mesmos abdicem de seu dom. Em uma das entrevistas a neta da senhora benzedora estava presente no momento que a equipe da universidade se apresentou e disse que não aguentava mais ver a avó fazer isso.

Interessante a mudança nas concepções ideológicas da sociedade. Até 30 anos atrás nesta mesma região as pessoas que eram conhecidas como benzedoras, benzedores tinham um grande respeito por parte dos cidadãos. Eram personagens conhecidos por todos, suas práticas eram difundidas nas conversas entre os moradores dos bairros. Eram comuns todos os bairros contar com vários benzedores. Todas as mães de crianças recém-nascidas levavam seus filhos para serem benzidos. Era uma prática esperada pela sociedade, no início os problemas mais constantes entre os bebês e crianças pequenas era o mau olhado, quebrante e icterícia.³

Atualmente são poucos os que ainda cultivam estas práticas nas famílias. A fala da neta da benzedora reflete a concepção atual que vê a benzeção como algo pejorativo. No caso da

³ Doença conhecida popularmente por apresentar um tom amarelado na pele do recém-nascido e é tratado comumente com chá de picão e a benzedura.

neta, esta descreve a prática da avó como algo antiquado, pautado pela ignorância. Outras senhoras e senhores benzedeiros se dizem coagidos a mascarar suas práticas devido à pressão das igrejas, chegou o caso de até mesmo um pastor visitar a benzedeira e tentar convence-la que sua atividade era demoníaca.

Um fator constante em todas as falas é a discriminação. Interessante que esta prática tem levado a uma mudança nos hábitos das benzedeiros. Muitas só atendem pessoas conhecidas ou encaminhados por conhecidos. Outros ao serem pressionados falam que não benzem, só fazem orações. Isto foi um mecanismo desenvolvido para negar a prática do sobrenatural. A discriminação tem contribuído para a diminuição do número das benzedeiros, atualmente muitas negam seu ofício.

Com isto tem surgido outro sujeito histórico, aquele que é conhecido como ex benzedor. Se consideramos que todos se definem como um instrumento de Deus, que possuem um dom, como caracterizar estas pessoas que benzeram sua vida inteira e que agora só fazem uma oração de intenção? Estão negando seu dom? Sua função social?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar outros estudos realizados sobre benzedeiros, rezadores e curandeiras em outras regiões brasileiras, como no norte e nordeste do Brasil os pesquisadores associaram a proliferação constante e seu relevante papel social, a uma falta de estrutura básica relacionada a saúde e educação. São regiões onde o atendimento básico à saúde pública, não alcança a grande parcela populacional e os níveis de pobreza ainda são um grande agravante. Sendo assim nestas regiões a benzedeiros entre outros, acaba por assumir funções que hoje são consideradas papel do Estado. O cidadão não que consegue atendimento médico, ou não tem dinheiro para um tratamento ou remédios, procura formas alternativas de resolver seu problema.

Contudo esta hipótese apresenta limitações quando aplicadas a realidade do Oeste Goiano, pois não podemos associar a mudança do papel da benzedeira a questões relacionadas a saúde pública. Seria uma afirmação simplista. Por mais que o atendimento à saúde pública

tenha melhorado nos últimos anos, como também o acesso à educação, o fator determinante no que refere as transformações em sua representação social são de cunho religioso, ou seja as benzedeadas não tem diminuído em números devido a melhora da saúde e educação.

A pratica da benzeção ainda sobrevive muitas vezes devido a convicção destes homens e mulheres que este é um dom de Deus e que devido a sua graça, deve ser exercido. Mesmo que enfrentando oposições. Contudo podemos perceber até o presente momento que eles não têm sucessores. A grande maioria conta com uma idade avançada e sua própria saúde necessita de cuidados. Eles se veem como veículos para a graça de Deus, contudo ainda sofrem com o preconceito que tem se arraigado na comunidade que os cerca.

Percebe-se que as mudanças ideológicas influenciadas tanto por fatores sócias como religiosos tem contribuído para a mudança na percepção do papel da benzedead/benzedor dentro da sociedade do Oeste Goiano. Devemos destacar tanto o papel da Renovação Carismática Católica como também a expansão das Igrejas Evangélicas no sentido da diminuição da prática.

Há trinta anos atrás poderíamos afirmar que a procura por benzedeadas, curandeiros, raizeiros, rezadores poderia ser explicada pela por questões ligadas a tradição cultural regional.

Da mesma forma na atualidade podemos nos valer deste instrumento para explicar sua gradual extinção. O que um aspecto lamentável na busca da preservação do patrimônio cultural imaterial da região.

Existem entidades e instituições preocupadas em proteger e incentivar a tradição da Folia de Reis, da Catira e da Congada, que fazem parte do Patrimônio Cultural Imaterial local. Contudo estas mesmas práticas têm se reinventado, será que as benzedeadas terão que fazer o mesmo para continuar a existir? Estas transformações não ferem o princípio da preservação da cultura imaterial? São perguntas a serem respondidas pelas próximas gerações.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988) *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História dos nossos Gestos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1987.
- _____. *A superstição no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1985.
- _____. *DICIONÁRIO do Folclore Brasileiro*. 9a Ed. São Paulo: Global, 2000.
- DICIONÁRIO Internacional de Teologia do Novo Testamento Sociedade Religiosa*. vol. São Paulo: Vida Nova, 1981.
- FARINHA, Alyne Chaveiro. *a benzedeira “renovada”*: uma análise das práticas de benzimento em Anápolis. IV Seminário de Pesquisa de Pós-Graduação em História. PUC/UNB/UFG (2014), Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/01_-_A_benedeira_renovada.pdf. Acessado em: 20/09/2016.
- GARRIDO, Loan del Alcazar. *As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n.25/26, set192-ago/93, p. 33.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. São Paulo: Vozes, 1997.
- _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- IPHAN. *Patrimônio Imaterial*. Disponível em : <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acessado: 11/09/2016.
- LOYOLA, Maria Andréa. *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*. São Paulo: Difel, 1984.
- OLIVEIRA, E. R. de. *O que é benzeção*. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.
- SILVA, Claudia Santos da. *Rezadeiras: guardiãs da memória*. V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação, UFBA, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf> Acessado em: 20/09/2016.
- SOUZA, Laura de Melo. *O Diabo na Terra de Santa Cruz: feitiço e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- UNESCO. *Patrimônio Cultural Imaterial*. Disponível em: <http://www.unesco.org/newqpt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>. Acessado em: 20/09/2016.

